

A magia dos acordes sublimes do DR. GUINGA

por MÔNICA SINELLI

Quando ele nasceu um anjo louco, desses que vivem na luz, soprou: vai, Carlos, ser assombroso na vida. Linhas harmônicas e melódicas que desafiam a percepção. A modulação perfeita entre intensidade e delicadeza. Acordes que saem do fundo infinito. Está tudo ali. Senhores, por favor, silêncio. Isso é música do céu. Música de sonhos. Isso é Guinga! Que foi, aliás, o penúltimo homenageado de 2007 no Sarau da Pedra, realizado embaixo das mangueiras centenárias do Instituto Cultural Cravo Albin, na Urca.

Dom Carlos Althier de Souza Lemos Escobar, rei das harmonias desconcertantes, chega de bermuda, camiseta e tênis. Esse é o traje que Guinga usa para fingir que é desse planeta. E para contar sua história povoada de nobreza das ruas do Rio, ele que se autoconfere o título de puro sangue azul de Madureira.

suíte Leopoldina

“Meu pai chamava-se Althier da Silva Escobar. Althier é um nome que não existe. Seria Altieri, mas minha avó, que não tinha instrução, inventou esse nome. Eram pessoas muito pobres lá da Leopoldina, sem cultura nenhuma, gente de uma pobreza ímpar. Minha mãe é Inalda Figueiredo de Souza Lemos Escobar. Aí fiquei com esse nome

assim, em que os espaços nunca dão para assinar. E Guinga vem de gringo, porque sou muito claro. Não parece, porque pego muito sol e tem negro na família. Então, há muita melanina na parada e eu vivo no sol, fazendo exercício e jogando futebol – você sabe que eu não trabalho, sou salva-vidas,” brinca o atleta do Leblon, onde mora hoje. “Eu era muito branquinho e minha tia me chamava de gringo. Quando comecei a falar, ouvia ‘gringo’ e mandava ‘guinga’. Naquela época, eu já ouvia tudo errado: ouvido obsoleto. Eu e Beethoven.” Humor absoluto.

De Madureira, Guinga foi para Jacarepaguá e Vila Valqueire. A música veio da família, que tinha sensibilidade apurada. “Meu pai era sargento da Aeronáutica e adorava música. Da parte da minha



mãe, todos tocavam e cantavam. Quando meus pais se separaram, fui morar com ela na casa da minha avó e dormia no quarto do meu tio Marco Aurélio. Eu tinha 7 anos, queria dormir, e ele não deixava. Ficava tocando no violão tudo da música brasileira. Mal sabia eu que já estava aprendendo. Uma vez, meu tio saiu e eu, com 11 anos, vi o violão num canto. Nunca mais esqueço desse dia. Peguei o instrumento e consegui fazer a batida do samba com a mão direita, com as cordas soltas, sem fazer nenhuma posição. E pensei: que coisa fácil tocar violão! De noite, quando meu tio chegou, pedi para me ensinar umas posições. Ele foi meu primeiro professor.”

O tradutor sonoro dos subúrbios lembra que, quando se mudou de Vila Valqueire e voltou para Jacarepaguá, tinha um vizinho que era músico profissional, chamado Paulinho Cavalcanti. “Quando o vi

tocar, fiquei louco e pedia para me ensinar coisas da Bossa Nova. Foi ele quem me apresentou ao Hélio Delmiro, quando eu tinha 14 anos. Meu aprendizado foi assim, vendo os outros tocar. Ia para os bailes e serestas assistir aos violonistas e guitarristas. Ouvia os discos e ficava tentando tirar as músicas.”

Como compositor, Guinga estreou profissionalmente aos 17 anos, no Festival Internacional da Canção de 1967. “Particpei com — olha o cacófato! — “Sou só solidão”, música de um garoto ingênuo. Eram duas mil músicas concorrendo e 24 classificadas. Para mim, foi uma honra estar entre elas, ao lado de Pixinguinha. Quando vi o Milton Nascimento cantar e tocar “Travessia”, no mesmo dia em que me apresentei, eu disse: está aparecendo um negócio que nunca vi igual na minha vida. Nem aquele tipo de música, nem aquela voz. Ele chegou com uma estética completamente



diferente, tanto que influenciou os caras da Bossa Nova. Era uma coisa absurda”. A primeira canção, aliás duas – “Maldição de Ravel” e “Conversa com o coração”-, ambas em parceria com Paulo Cesar Pinheiro, foram gravadas em 1973 pelo MPB4.

O poeta dos sons

Começava ali a construção de uma obra iluminada e profundamente identificada com a sua cidade. “Se há uma coisa que me estimula fora a vida em si, o impalpável, aquilo que não se pode ver, essa fonte de inspiração tremenda é o Rio de Janeiro. Eu conheço os buracos da cidade mesmo. Tenho uma convivência íntima com ela. Desde criança, sempre fui rueiro,” atesta o poeta dos sons e ex-Dr. Guinga, que aposentou o som do motorzinho depois de 30 anos de atividade paralela à música como dentista.

“Ao lado da jornalista Márcia Cezimbra Guinga reiterou para mais de 100 convidados no Instituto Cultural Cravo Albin: se há uma coisa que me estimula fora a vida em si, o impalpável, aquilo que não se pode ver, essa fonte de inspiração tremenda é o Rio de Janeiro. Eu conheço os buracos da cidade. Tenho uma convivência íntima com ela. Desde criança, sempre fui rueiro.”

“Uma das coisas que me dá mais prazer é ir para Santa Cruz da Serra, perto de Xerém, aos sábados de manhã, para jogar futebol. Pego três ônibus, porque não sei dirigir. Quem me levou para lá foi um cara que teve uma importância fundamental para a minha música, um violonista chamado Haroldo Bessa, que nunca foi profissional. Era um gênio tocando e amigo íntimo do Garoto, de quem conheço toda a obra por intermédio dele. Haroldo era namorado da minha mãe e amigo do meu avô e dos meus tios. Se ainda estivesse vivo, estaria com 90 anos. Havia muita diferença de idade entre nós. Foi a primeira vez à minha casa quando eu tinha 12 anos e ele, 40. Quando começou a tocar, o mundo desabou para mim. Fiquei completamente alucinado. Além do repertório do Garoto, vieram choros de Pixinguinha, Laurindo de Almeida, Villalobos, standards da música americana. Ele mudou o meu foco, porque até então eu só ouvia Bossa Nova, Baden Powell e seresta. Aí, conheci um violão que eu não sabia que existia. Minha mãe disse: ‘toca para ele ver, Guinga’. E eu toquei. Ele virou-se para minha mãe e disse: ‘que beleza, Inalda, teu filho leva o maior jeito!’ E pediu para eu tocar mais. Moral da história: eu acabei me tornando seu maior amigo dentro da minha família. Ele acompanhou todo o meu crescimento como gente e como músico.”

Na época, Haroldo, que morava na Penha, jogava bola todo sábado com uma turma em um sítio em Santa Cruz da Serra e levou Guinga para lá. “Eu era o caçula, tinha 26 anos e os outros, em torno de 50. Hoje, com 58 anos, sou um dos mais velhos. Muitos já morreram e, dos que sobraram, só eu continuo jogando. Mas jogo bola também há 22 anos toda quarta-feira no Clube dos Macacos, no Horto, e no campo do Chico Buarque, às segunda e quintas. São as coisas que eu mais gosto de fazer,” declara o vascaíno doente, cujo talento nas quatro linhas já foi elogiado até por Roberto Dinamite.

O ourives do violão diz que só foi estudar o instrumento aos 27 anos, quando já estava casado com Fátima — com quem tem duas filhas, Constance e Branca — e atuava como dublê de dentista e músico profissional, tendo acompanhado nomes como Cartola, Beth Carvalho, Clara Nunes, Alaíde Costa e João Nogueira. “Eu já havia largado a profissão de músico, porque me achava muito analfabeto por tocar de ouvido. Minha alma é de compositor, sou um concertista das minhas músicas. Na minha opinião, os maiores violonistas do mundo e de todos os tempos são André Segovia, Julian Bream

e Marcos Tardelli, este um brasileiro de menos de 30 anos e que eu nunca vi nada igual na minha vida. E Villa-Lobos (a quem Guinga homenageia explicitamente em seu mais recente CD, “Casa de Villa”) é um dos maiores compositores do planeta. Para mim, ele descansa ao lado de Bach, Mozart, Beethoven, Tchaikovsky e Chopin. Esses estão além do que seja um compositor. São fenômenos da natureza, como um iceberg, uma cordilheira, uma explosão solar. Villa-Lobos não é um compositor, é uma aurora boreal. E a natureza leva um tempo para se reciclar. Já nasceu um novo Michelangelo??”, pergunta o grand canyon.

parceria de cristal

Guinga tem em seu cata-vento o que há no girassol de Aldir Blanc, seu parceiro mais constante ao lado de Paulo Cesar Pinheiro, que apresentou os dois no antigo estúdio da gravadora EMI-Odeon, durante a audição do último disco de Clara Nunes. “Nesse LP, havia uma música minha e do Paulinho chamada “Cinto Cruzado” e fizeram uma audição para os compositores e arranjadores que participaram do trabalho. Aldir estava lá. Trocamos um muito prazer e mais nada, ele muito tímido e eu também.”

O compositor conta que, anos depois, em 1988, o violonista Rafael Rabello intermediou um encontro dos futuros parceiros. “Eu tinha ouvido uma música no carro e me emocionado muito com uma frase que nunca mais esqueci: ‘A tua gargalhada quebra o cristal de muita gente fina’. Aquilo bateu no meu peito e pensei que deveria ser coisa do Aldir Blanc. Mas de quem seria aquela melodia que eu havia adorado também? Não era João Bosco. Fiquei esperando o locutor anunciar a autoria — era uma parceria do Eduardo Gudín com Aldir. Aí, falei: tenho que fazer música com esse cara. Até então, eu compunha apenas com o Paulinho Pinheiro. Rafael, que foi também um dos grandes



do violão, marcou um encontro na casa do Aldir. Lá, conversamos, toquei umas músicas para ele e nossa primeira parceria nasceu um ano depois e se chama “Esconjuros”. Quem gravou foi Leila Pinheiro e acabou sendo ela a fazer um CD só com músicas nossas, o ‘Catavento e Grirassol’, lançado em 1996.” Para Guinga, Aldir é o maior letrista do Brasil ao lado de Chico Buarque, também seu parceiro. “Tenho o mesmo amor pelos dois. Chico é o mais que perfeito. Aldir, o mais que profundo.”

casa de guinga

E o mistério da criação, onde habitará, segundo quem transita com tamanha maestria nesse insoldável mundo? “A explosão da criação pertence ao jovem, porque ele tem a sensação da eternidade, de que é o dono do mundo, todo-poderoso. E nada ajuda e atrapalha tanto quanto a ignorância. Quem ignora, ousa. Quem não sabe onde está o perigo, vai indo em frente. Está arriscado a cair no precipício, mas pode também ultrapassá-lo e chegar no paraíso. Com a boa ignorância, aquela sensação de poder, você é visitado pela inspiração e sai produzindo feito um alucinado. Até os 40 anos, eu compunha igual a um louco. De repente, a gente vai ficando mais velho e começa a se desiludir. A ilusão também ajuda muito. O escritor Guilherme Figueiredo tinha uma frase linda: ‘A fantasia corrige a realidade’. Se você cair demais na realidade, acaba não compondo. Criva tudo de uma tal maneira com uma autocrítica tão monstruosa que não compõe, achando que está plagiando a si próprio. Há um momento na vida em que se é muito sensorial. Depois, passamos a ser menos `motor`, apagamos mais do que escrevemos.”

Para o artífice das cordas, sem inteligência não existe um grande artista. “Mas eu acredito na inspiração. A música vem do impalpável, do absoluto e essas coisas pertencem a Deus. Onde o homem não vai, só Deus pode ir.” Palavras de



“Sem inteligência não existe um grande artista. Mas eu acredito na inspiração. A música vem do impalpável, do absoluto e essas coisas pertencem a Deus. Onde o homem não vai, só Deus pode ir.”

quem é tocado por Ele. Se assim é, do absoluto vem e se materializa a celestial Casa de Guinga. “Só eu sei o que fiz para poder fazer uma obra. Só eu sei o sacrifício. Eu não dormia. Saía de casa às cinco da manhã para abrir a minha clínica às seis e meia e ficava lá até as dez da noite. Nunca tirei férias. Compunha dentro do consultório e deixava de dormir para criar — só dormia uma média de três horas por noite.” Pois o universo agradece a cada minuto insone. Vai, Guinga, que a música te dê sempre na mesma e intensa medida da sua entrega a ela. ■